

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER – REFLEXOS NO TRABALHO

Claudia Brum Mothé

Introdução

Atos de violência contra a mulher ocorrem todos os dias e podem acontecer também no seu ambiente de trabalho, na sala de aula, na faculdade ou na escola.

E quando se pensa em violência é importante saber que a lei protege as mulheres não apenas daquelas agressões que deixam marcas explícitas na pele, mas também daquelas que ferem a autoestima, que intimidam suas ações, que ridicularizam e limitam seus direitos como cidadã.

O Brasil já deu importantes passos para combater a **violência contra a mulher**, como a promulgação da **Lei Maria da Penha** e aumento do número de **Delegacias da Mulher**. Contudo, infelizmente, ainda está longe de sanar esse problema.

De acordo com o *Atlas da Violência 2018*, produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), com base em dados de 2016 do Ministério da Saúde, 4.645 mulheres

foram assassinadas no país, o que representa uma taxa de 4,5 homicídios para cada 100 mil brasileiras. Observou-se, em dez anos, um aumento de 6,4%.

A Pesquisa de Condições Socioeconômicas e Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher entrevistou, entre os meses de março a julho de 2016, 10 mil mulheres em nove capitais nordestinas (Fortaleza, Salvador, Recife, Teresina, Aracaju, Natal, São Luís, Maceió e João Pessoa). O relatório da pesquisa foi publicado em duas partes: A primeira, no final de 2016, constatou a assustadora realidade: 3 em cada 10 mulheres no nordeste foi vítima de violência doméstica.

Dados levantados - Saúde mental

Os dados levantados pela pesquisa de Condições Socioeconômicas e Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher revelam que a violência doméstica traz impactos brutais na saúde mental das mulheres.

Além dos danos físicos imediatos, as vítimas frequentemente apresentam danos



.....
Claudia Brum Mothé

Advogada, Consultora Jurídica e Mestre especializada em Direito e Processo do Trabalho.

psicológicos profundos. Os dados colhidos pela pesquisa mostram a necessidade de acolhimento e tratamento psicológico às vítimas.

Os dados da pesquisa de Condições Socioeconômicas e Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher referentes à saúde mental, no entanto, não significam que a mulher que afirma não estar com a saúde mental debilitada não carregue o peso da violência nos ombros. Em relação ao seu cotidiano e seu estado emocional, mas de 60% (do total nas 9 capitais) se dizem estressadas e mais de 74% se dizem infelizes, além de não dormirem bem, não se sentirem seguras a tomar decisões e terem dificuldades de concentração. O impacto da violência sofrida toma proporções ainda maiores quando analisamos a vida cotidiana dessas mulheres.

Insatisfação com o emprego

A insatisfação com o emprego atual também é frequente. Enquanto entre as mulheres que não sofreram violência doméstica 43% estão satisfeitas com o emprego atual, entre as vítimas de violência doméstica esse número cai para 33%.

No caso das mulheres vítimas de violência fica mais evidente ainda a insatisfação quando se trata de um emprego cujas normas não incluam nenhuma possibilidade de apoio quando se está física e emocionalmente incapacitada de comparecer ao trabalho.

Faltas e tempo no emprego

De acordo com os dados levantados na pesquisa de Condições Socioeconômicas e Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, 22% das mulheres de Salvador afirmam que

a violência sofrida interferiu em seu trabalho, resultando em queda de rendimento e faltas. Em média, dentre as mulheres vítimas de violência que reportaram faltas no trabalho, o número de faltas em um ano é cerca de 18 dias. Essas faltas resultam em descontos nos salários e demissões, aprofundando a vulnerabilidade dessas mulheres.

Mais um dado alarmante, 23% das mulheres vítimas de violência doméstica afirmam já terem recusado ou desistido de alguma oportunidade de emprego porque o parceiro era contra.

Também essa mulher fica menos tempo empregada no mesmo local. Enquanto média de permanência no trabalho entre as mulheres que não foram vítimas de violência é de 74 meses, as vítimas de violência ficam cerca de 58 meses no mesmo emprego. As faltas, atrasos e queda do rendimento traz consigo demissões.

Salários

Em relação aos salários também é possível notar que as mulheres que sofreram violência ganham cerca de 10% menos que as que não sofreram. Em Fortaleza, segundo dados da pesquisa de Condições Socioeconômicas e Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, essa diferença salarial chega a assustadores 34%. Isso num país onde as mulheres já ganham em média 17% a menos que os homens e, no caso das mulheres negras o abismo salarial em comparação aos homens brancos chega a 60%. Essa mulher, que precisa buscar independência financeira do agressor, acaba sendo submetida à baixíssimos salários.

A situação é ainda mais cruel se compararmos as mulheres negras e brancas.

A média salarial de uma mulher branca que não sofre violência doméstica é de R\$ 11,42 por hora enquanto do outro lado a mulher negra vítima de violência recebe cerca de R\$ 7,74 por hora. Mulheres brancas vítimas de violência recebem em média R\$ 9,79 por hora. A combinação de machismo + racismo + capitalismo é devastadora.

Consequências familiares

As consequências são tão fortes que chegam a afetar toda a família.

As crianças sofrem violência quando as mães sofrem violência. Elas podem não apanhar, mas estão vendo as mães sofrerem. Estudos informam que muitas delas voltam a fazer xixi na cama, mesmo com 5 ou 6 anos, e têm dificuldade de se desenvolverem na escola, além de se tornarem agressivas e de quererem fugir de casa.

Alógica não é muito difícil de ser entendida, amigos. Se uma criança cresce num ambiente hostil, vendo, enquanto cresce, sua mãe ser violentada, assimilará esse tipo de comportamento e muito provavelmente será um adulto violento. O ciclo não é interrompido, pelo contrário, ele continuará existindo.

Concluindo

O país tem uma taxa de feminicídio de 4,8 homicídios por cada 100 mil mulheres. Essa é, conforme estatísticas da Organização Mundial da Saúde (OMS), a **quinta maior do mundo**.

O Brasil, de acordo com o Mapa da Violência de 2015, é o 5º país no ranking de violências contra a mulher. A cada 11 minutos uma mulher é estuprada, a cada 1 hora e meia uma mulher é assassinada vítima de feminicídio. Uma mulher em cada três mulheres já foi vítima de algum tipo de violência. A cada 2 minutos, 5 mulheres são espancadas.

As estatísticas são aterrorizantes, e ainda

é muito difícil conseguir dados precisos sobre o número de vítimas de violência doméstica, pois os casos são subnotificados. Muitas mulheres se vêm presas ao relacionamento com o agressor, pois a relação de dependência financeira é muito forte. Ganhando menos e estando mais sujeitas a precarização e demissões, acabam sujeitas a violência do parceiro para não ficarem desamparadas financeiramente.

Quando analisamos os dados acima vemos que as vítimas, por conta da própria situação de violência física e mental, mesmo quando empregadas, estão mais sujeitas a demissões e a empregos precários. Precisando se afastar do agressor, se vêm forçadas a aceitar salários inferiores. Como consequência das agressões, também faltam mais ao trabalho (por vergonha ou por danos emocionais ou físicos) e estão mais sujeitas a demissões.

Por tudo isso é muito importante denunciar qualquer tipo de violência contra a mulher. Ela pode ser feita em qualquer delegacia e ainda há organizações que protegem e buscam os direitos das vítimas. A já citada Lei Maria da Penha, sancionada em 7 de agosto de 2006, garante punições a quem agride uma mulher em âmbito doméstico ou familiar. Além disso, podem ser feitos registros de denúncias, por intermédio da Central de Atendimento à Mulher, o **Disque 180**.

Bibliografia:

<http://www.esquerdadiario.com.br/Violencia-domestica-e-o-mercado-de-trabalho>
<https://www.boavontade.com/pt/dia-dia/violencia-contra-a-mulher-quais-os-impactos-psicologicos-e-sociais>
<https://querobolsa.com.br/revista/violencia-contra-a-mulher>

Publicado originalmente em: Informativo ADV Advocacia Dinâmica. Fascículo Semanal nº 11, ano 2019.